

# Um olhar entreaberto: a cidade e o sujeito em Satolep

**Luciana P. Urbim**

Mestranda em História da Literatura  
pela Universidade Federal do Rio  
Grande

Bolsista CAPES

lurbim@yahoo.com.br

Resumo: Através de sua obra *Satolep* (2008), Vitor Ramil incorpora alguns elementos fortes da cultura sul-rio-grandense que remetem ao imaginário do sul recriado em seu livro. Utilizando-se de fotografias antigas e imagens poéticas construídas por ele, o autor cria uma narrativa em que os elementos da cultura sulina surgem com força e configuram, assim, a mítica Satolep como palco da memória afetiva e do imaginário do artista e seus personagens. Neste sentido, busca-se analisar os elementos que compõem esta cidade imaginária construída por Ramil em sua narrativa. Especialmente a fim de compreender a configuração da cidade de Satolep ao longo da produção artística de Ramil até culminar em seu romance *Satolep* (2008). A narrativa apresenta Selbor, personagem protagonista da obra, que retorna a sua cidade natal na tentativa de completar um ciclo em sua vida, iniciado com sua saída de Satolep. Mas ao fechar um ciclo sempre se abre um novo, o que acaba lançando-o em um espiral de acontecimentos através de uma deambulação pela cidade.

**Palavras-chave:** Imaginário. Literatura sul-rio-grandense. Cidade

Para começar a entender o imaginário criado por Vitor Ramil é preciso desvendar a gênese da sua mais renomada criação, a cidade de Satolep. Inspirada na antiga Pelotas, ao extremo sul do Brasil, Satolep desponta ao mesmo tempo como cenário e personagem de letras de canções e de textos escritos pelo artista. Bem como dá nome ao seu último romance.

A invenção de Satolep se dá cedo no universo criativo de Vitor Ramil, a cidade surge pela primeira vez na composição da canção “Satolep” (1984), parte do segundo álbum do artista: “A paixão de V segundo ele próprio”. Na música, surge esse habitante, caminhante da cidade, um *flâneur* a falar sobre as impressões que ele vai colhendo pelas ruas e finaliza a narrar sua experiência utilizando importantes símbolos, presentes de forma bastante forte em *Satolep*, a compor os caminhos de pedra e nuvem do qual falará constantemente o personagem Selbor no romance de 2008.

Sinto hoje em Satolep  
O que há muito não sentia  
O limiar da verdade  
Roçando na face nua  
As coisas não têm segredo  
No corredor dessa nossa casa  
[...]  
Só, caminho pelas ruas  
Como quem repete um mantra  
O vento encharca os olhos  
O frio me traz alegria  
Faço um filme da cidade  
Sob a lente do meu olho verde  
Nada escapa da minha visão.  
[...]

Eu existo em Satolep  
E nela serei pra sempre  
O nome de cada pedra  
E as luzes perdidas na neblina  
Quem viver verá que estou ali.<sup>47</sup>

O aparecimento de Satolep, primeiramente, na música de Ramil, evidencia a estreita ligação entre as criações musicais e literárias do artista e vem corroborar a ideia de que este universo criativo é um só, apesar de Ramil encontrar diferentes canais para expressar suas ideias e manifestações criativas.

A importância de perceber a presença dos elementos que permeiam a literatura de Ramil também já pode ser destacada aqui. A solidão, o universo íntimo, o ambiente da casa, a percepção de mundo individualizada, bem como elementos simbólicos exteriores como a própria cidade, suas ruas e impressões, e, principalmente, as frases finais da última estrofe em que o narrador conta: “Eu existo em Satolep/ E nela serei pra sempre/ O nome de cada pedra /E as luzes perdidas na neblina”. Evocando dois elementos cruciais do imaginário de Ramil, a pedra e a neblina, bastantes presentes em *Satolep*.

Novamente é na música que ressurgirá Satolep, desta vez na canção “Joquim” (1987). A canção apresenta-se como uma pequena narrativa a contar a história de Joquim, um personagem fictício baseado em uma personalidade histórica de Pelotas, o inventor do início do séc. XX, Joaquim Fonseca. Mostra, mais uma vez, a necessidade de um lugar ficcional para servir de palco a

---

<sup>47</sup> “Satolep” em “A paixão de V segundo ele próprio” (1984).

história narrada. A fim de criar uma atmosfera fantástica, descolada da história real e aproximada da ficção.

Satolep noite  
No meio de uma guerra civil  
O luar na janela não deixava a baronesa dormir  
A voz da voz de Caruso  
Ecoava no teatro vazio  
Aqui nessa hora é que ele nasceu  
Segundo o que contaram pra mim.  
[...]  
Joquim, Joquim  
Nau da loucura no mar das idéias...<sup>48</sup>

A cidade também surge no teatro, através do personagem Barão de Satolep, criado por Ramil na passagem dos anos 80 para os 90, período em que Vitor afastou-se dos estúdios dedicou-se ao teatro. O Barão era a representação caricaturizada de “um nobre pelotense”. De aparência pálida e corcunda, o personagem surgiu como uma espécie de alter-ego do artista.

A primeira aparição textual de Ramil a falar de Satolep, é a versão do ensaio “Estética do frio” publicado na coletânea *Nós, os gaúchos* (1992). Este texto surge como um primeiro manuscrito do conceito que seria publicado mais tarde no livro *Estética do frio* (2004), e é fundamental para percebermos o quanto os elementos já presentes na canção de 1984 vão sendo aprofundados, servindo como ponto de partida para as reflexões posteriores do artista, como podemos ver no seguinte trecho:

---

<sup>48</sup> “Joquim” em “Tango” (1987).

Anoiteceu. A chuva fina voltou a cair e a parar de cair sobre Satolep. A umidade faz os vidros e as tijoletas suarem; mofa os discos, amolece e empena as capas dos livros. É junho. Vou até a janela; limpo o vidro e olho para a rua. As pedras regulares do calçamento estão acesas sob a luz dos postes, onde primeiro se vê a **neblina densa** que, chegando devagar, **descerá até o chão e transformará esta cidade planejada numa cidade infinita**. Nada nem ninguém acha Satolep à noite nestas condições. (RAMIL, 1992, p.262)

Vemos como Satolep vai se configurando como forte componente do universo literário do autor. Sendo construída com elementos altamente definidores da Estética do Frio, o inverno, a umidade, a chuva, a cidade, o intimismo e a neblina e sua fantasmagoria, dando a Satolep uma qualidade irreal, como se não fizesse parte do mundo real e fosse apenas uma miragem visada pelo narrador.

No fundo, isso tudo é apenas o que meu olho inventa: Satolep. No tabuleiro rigoroso dessas ruas e na arquitetura minuciosa desses prédios a vida contemporânea explode em sua diversidade. Quando a noite chega, mil outras vezes a explosão se espalha em coisas que a cidade sonha. E a neblina desce e se instala. Estética do frio. (RAMIL, 1992, p.270)

Tais trechos acabam por serem subtraídos da versão final publicada em 2004, mas demonstram a trajetória da criação do imaginário do artista em suas letras e escritas. Bem como a permanência de imagens e temas que serão recorrentes em sua obra musical e literária.

Na literatura, a novela *Pequod* (1995), primeiro livro de Vitor Ramil, traz Satolep como palco e serve de inspiração para a história contada quase que autobiograficamente a partir de algumas memórias da infância do próprio autor. Nela, a cidade surge como um espaço rico em símbolos relacionados ao tempo e ao pai do narrador.

Um pouco como o relógio e o tempo, um pouco como Ahab, a cidade rigidamente planejada dissolve-se na neblina, transformando-se numa cidade infinita. Luzes indefinidas sinalizam as ruas retas que se cruzam até a margem de um rio silencioso que se aproxima sem ser visto. (RAMIL, 1995, p.27)

As construções textuais do trecho acima são quase idênticas as já vistas na canção “Satolep” e no ensaio de 1994. Os elementos apresentando anteriormente vão sendo reiterados e amplificados simbolicamente através dos textos literários do artista, conforme podemos concluir.

Desta forma, pode-se perceber que ao longo da obra de Ramil, tanto musical como textual, evidencia-se e intensifica-se a relação com a cidade, o que na literatura vai culminar no romance *Satolep* (2008): a obra traz a história de um homem, um homem e uma cidade. O livro conta a história do fotógrafo Selbor, a narrativa, feita em primeira pessoa, inicia com a volta de Selbor a Satolep (sua cidade natal) na véspera de completar seus 30 anos. Imbuído pelo desafio de “aprender a ver”, Selbor inicia uma carreira de fotógrafo e começa a embarcar num misterioso abismo

de imagens. Um inusitado acontecimento o lança em uma misteriosa jornada em busca de sentido, em uma constante deambulação por Satolep tentando capturar fragmentos que o ajudarão a compor a elucidação deste estranho jogo em que ele se vê envolvido, o de dar nascimento a um novo olhar e, enfim, aprender a ver. Jornada que culminaria na ideia de uma exposição denominada por ele de o “grande círculo”.

Satolep é magia... eu olhava a rua... as pessoas lá fora abriam caminho no resto de luz avermelhada do fim de tarde. Embora seu ritmo fosse acelerado, eu as observava com tanta avidez, que pareciam estar andando devagar. Eram em grande número, mas a luminosidade resta espessa entre elas. Homens enérgicos, concisos, vítreos; mulheres plásticas, nítidas, verticais. O frio os delineava. (RAMIL, 2008, p.26)

Desponta novamente a figura do *flâneur* que, segundo o filósofo Walter Benjamin, a respeito da obra do poeta Baudelaire e sua relação com a cidade de Paris, seria aquele que “vê a cidade sem disfarces” (BENJAMIN, 2000, p.56). A cidade representaria “seu templo, seu local de culto [...] o verdadeiro lugar sagrado da *flânerie*” (ROUANET, 1992, p.50), ou seja, a arte de flunar percorrendo os caminhos e sentidos da cidade. O *flâneur* é considerado o “alegorista da cidade, detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado” (ROUANET, 1992, p.50).

Ao perambular pelas suas ruas, como um estranho a tentar apreender a realidade do entorno, Selbor torna-se o típico *flâneur* urbano a andar a esmo e captar recortes do mundo da cidade. A relação interior e exterior funde-se, uma completa-se na outra, complementam-se. Há um preenchimento a cada captura fotográfica, como se tais imagens da cidade trouxessem explicações que vão ao encontro dos anseios existenciais de Selbor. Através da máquina fotográfica ele olha o mundo e busca compreendê-lo. E na rede de fotografias que acaba por construir em torno de si, busca entender a sua própria trajetória de vida: “lancei-me na afluência dessas ruas e nelas fiz meu aprendizado”, nos conta o fotógrafo (RAMIL, 2008, p.51).

Neste sentido, o papel da cidade surge como caminho fundamental neste processo de buscar-se. O trânsito pela urbe revela-se o movimento do indivíduo na luta pela sua identidade através da busca de seu próprio olhar sobre o mundo, experimentado pela prática fotográfica.

Gaston Bachelard dá margem à percepção do lugar como ambiente em que se desenvolve a configuração do universo literário, como um tipo de amplificação simbólica do mundo. O filósofo percebia o espaço como “instrumento de análise para a alma humana” (2008, p.20). Em sua obra “A poética do espaço” concebe cada lugar como uma importante imagem simbólica a ser decodificada. Se podem os espaços da casa, por exemplo, representarem um caminho para compreender a alma humana, a cidade também constituiria um espaço capaz de revelar a alma de



seus habitantes. Como extensão de suas casas. Olhar para ela pode ajudar-nos a conhecer mais de suas almas e por que não dizer da alma da própria cidade? “Eu sonho o mundo; logo, o mundo existe tal como eu o sonho”, afirma o filósofo (2009, p.152). Sendo assim a cidade é resultado deste universo sonhado por seu observador.

Segundo Bachelard, na profundidade do ser do sonhador “o tempo já não tem ontem nem amanhã” (2009, p.166). “O devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito” (2008, p.189). Sendo assim, pode-se dizer que o devaneio do *flâneur* o conduz para “um tempo desaparecido” (ROUANET, 1992, p.50), como aponta Benjamin, um tempo cronologicamente inalcançável. Um verdadeiro “destempo” que representa, na verdade, o tempo subjetivo de cada indivíduo, o tempo de cada um no processo de descobrir-se; processo permeado pela presença da cidade. E como expõe um dos personagens do livro: “Dê-se tempo. Faça-se e deixe-se fazer [...] nascer leva tempo” (RAMIL, 2008, p.77).

Ao falar da “sua” Satolep, Vitor Ramil se refere a uma cidade inventada, mais resultado de impressões e sentidos do que de memórias ou registros, estes vem ajudar a compor seu imaginário, mas apenas para reforçar a relação afetiva com a cidade e o mundo que ela suscita: um lugar outro, idealizado, inventado, **alhures**, o da imaginação.

Essa cidade da qual fala Ramil é uma cidade imaterial, subjetiva, mas que alcança uma configuração também coletiva à medida que incorpora imagens e histórias que fazem parte da

cultura local. Uma cidade sem tempo e espaço determinados, tão flutuantes quanto o pensamento, o devaneio. É no espaço da imaginação que Satolep se constrói e é nela que os personagens de Ramil habitam.

## Referências:

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FISCHER, Luís Augusto (Org.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1992.

RAMIL, Vitor *A paixão de V segundo ele próprio*, Som Livre, 1984.

\_\_\_\_\_. *Tango*, EMI-Odeon, 1987.

\_\_\_\_\_. A estética do frio in: FISCHER, Luis Augusto. *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pequod*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.

\_\_\_\_\_. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUANET, Sérgio Paulo. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”. *Revista USP. Dossiê Walter Benjamin*. São Paulo, v.1, n. 15, set./out./nov. 1992. p.49-75.